


## Por uma ética do cuidado: a pesquisa narrativa por Maria Passeggi


### Toward an ethics of care: narrative research in Maria Passeggi

### Hacia una ética del cuidado: la investigación narrativa en Maria Passeggi\*


Luciana Haddad Ferreira\*\*

 <https://orcid.org/0000-0002-8440-7347>

Renata Helena Pin Pucci\*\*\*

 <https://orcid.org/0000-0002-8880-4243>

Neuzita de Paula Soares\*\*\*\*

 <https://orcid.org/0000-0001-9255-8906>

**Resumo:** Este artigo destaca as contribuições da professora e pesquisadora brasileira Maria Passeggi para o campo da pesquisa narrativa em Educação, no seio do movimento biográfico internacional. Discute-se como seus estudos possibilitam (re)pensar a formação de modo ético e humanizado, ao centralizar a escuta, o acolhimento, a reflexividade narrativa e a capacidade de agir dos sujeitos da pesquisa, mesmo em contextos de vulnerabilidade. A partir de uma entrevista com a pesquisadora, são discutidas três dimensões centrais de sua trajetória e de seus estudos: a autoria docente como elemento formativo e emancipatório; o respeito à dignidade das participantes, especialmente nas pesquisas com crianças; e a ética do cuidado como princípio de valorização da vida. Os estudos indicam coerência entre vida, formação e produção acadêmico-científica de Maria Passeggi, em especial na compreensão da narrativa como prática ética, estética e política, suscetível de (trans)formar tanto quem narra quanto quem escuta.

**Palavras-chave:** Pesquisa narrativa. Ética do cuidado. Escrita narrativa.

**Abstract:** This paper highlights the contributions of Brazilian professor and researcher Maria Passeggi to the field of narrative research in Education, within the broader context of the international biographical movement. It discusses how her studies make it possible to (re)think teacher education in ethical and humanizing terms by foregrounding listening, welcoming, narrative reflexivity, and the capacity for agency

---

\* Os organizadores do dossiê “Estudos narrativos: sujeitos e contextos educativos” consideraram a publicação deste artigo como uma homenagem à Prof<sup>a</sup> Maria da Conceição Ferrer Botelho Sgadari Passeggi, mais conhecida como Maria Passeggi, pelo seu trabalho na pesquisa narrativa, sendo esta incontornável para todas e todos que nesta perspectiva realizam as suas pesquisas.

\*\* Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Doutora em Educação. *E-mail:* <haddad.nana@gmail.com>.

\*\*\* Universidade São Francisco. Doutora em Educação. *E-mail:* <renata\_pucci@hotmail.com>.

\*\*\*\* Colégio Marista. Doutora em Educação. *E-mail:* <neuzitadepaulasoares@gmail.com>.

of research participants, even in contexts of vulnerability. Based on an interview with the researcher, the text discusses three central dimensions of her trajectory and work: teacher authorship as a formative and emancipatory element; respect for the dignity of participants, especially in research with children; and the ethics of care as a principle for valuing life. The studies indicate coherence among Maria Passeggi's life, education, and academic-scientific production, especially in her understanding of narrative as an ethical, aesthetic, and political practice capable of (trans)forming both those who narrate and those who listen.

**Keywords:** Narrative research. Ethics of care. Narrative writing.

**Resumen:** Este artículo destaca las contribuciones de la profesora e investigadora brasileña Maria Passeggi al campo de la investigación narrativa en Educación, en el seno del movimiento biográfico internacional. Se discute cómo sus estudios permiten (re)pensar la formación de manera ética y humanizada, al centralizar la escucha, la acogida, la reflexividad narrativa y la capacidad de agencia de los sujetos de la investigación, incluso en contextos de vulnerabilidad. A partir de una entrevista con la investigadora, se discuten tres dimensiones centrales de su trayectoria y de sus estudios: la autoría docente como elemento formativo y emancipador; el respeto a la dignidad de las participantes, especialmente en las investigaciones con niños; y la ética del cuidado como principio de valorización de la vida. Los estudios indican coherencia entre vida, formación y producción académico-científica de Maria Passeggi, especialmente en la comprensión de la narrativa como práctica ética, estética y política, capaz de (trans)formar tanto a quien narra como a quien escucha.

**Palabras clave:** Investigación narrativa. Ética del cuidado. Escritura narrativa.

## Introdução

No início, fui considerada uma pessoa fora do eixo, porque estava fazendo o que academicamente era “errado”: valorização da subjetividade, com foco na voz de mulheres-professoras, e de um tipo de escrita que não tinha nem valor acadêmico nem científico (Passeggi, 2025).<sup>1</sup>

As palavras da Professora Maria da Conceição Ferrer Botelho Sgadari Passeggi<sup>2</sup> evidenciam a ousadia de uma trajetória em pesquisa que se iniciou pelo desafio aos cânones acadêmicos, ao legitimar, em seus textos, a voz de mulheres-professoras e a subjetividade que emana da escrita de si como base da produção do conhecimento científico. Graduada em Letras pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Brasil, ela realizou, posteriormente, seus estudos de especialização em Francês – Língua Estrangeira (FLE), Mestrado em Letras Modernas e Doutorado em Linguística Geral, na *Université Paul-Valéry Montpellier 3*, na França, com bolsa do Ministério francês das Relações Exteriores.

Foi no final dos anos de 1990, após encerrar sua participação no Departamento de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGEL-UFRN), que ela reiniciou sua carreira como professora, no Departamento de Educação e no Programa de Pós-Graduação em Educação da mesma universidade (PPGED-UFRN), como professora de Didática de Línguas Estrangeiras e orientadora na área de formação docente. Em 1998, a “descoberta” do gênero discursivo denominado “memoriais de formação” (Passeggi, 2011) permitiu-lhe se aproximar, com outro olhar, da formação docente, que era seu objeto de estudo na área de Linguagem.

Em 2004-2005, realizou Pós-doutorado em Fundamentos da Educação nas Universidades de Nantes e de Tours, quando pôde mergulhar nos estudos das narrativas da experiência vivida como prática de pesquisa-formação (Dominicé, 2000; Pineau, 2005), momento em que se vinculou

---

<sup>1</sup> Por um princípio ético, as transcrições da entrevista foram textualizadas pela Professora Maria Passeggi, que optou por apagar as marcas da oralidade, visando à melhor compreensão do sentido na escrita.

<sup>2</sup> Consideramos a sugestão da pesquisadora de utilizar, ao longo do texto, seu primeiro nome e seu último sobrenome.

à Associação Internacional das Histórias de Vida em Formação (ASIHVIF) e estabeleceu trocas mais constantes com os pioneiros desse movimento na França, na Suíça, no Canadá e na Polônia. A partir do início dos anos 2000, suas publicações tornaram-se referência para subsidiar o debate epistemológico acerca da escrita de si como base da produção de conhecimento na pesquisa educacional.

Sua trajetória profissional, realizada ao longo de mais de 30 anos dedicados à carreira, já seria suficiente para defendermos aqui o quanto a presença e a atuação de uma mulher-professora-pesquisadora podem ser marcantes quando ela insiste em abrir caminhos para ocupar espaços de liderança no ambiente acadêmico-científico. Como pesquisadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Maria Passeggi continua a contribuir com a gestão científica de projetos de pesquisa e de periódicos científicos, bem como na atuação como professora-pesquisadora, sendo considerada uma destacada referência intelectual na área educacional.

No entanto, é no gesto de abrir caminhos que sua contribuição se torna ainda mais evidente. Maria Passeggi é uma pesquisadora cujo objeto de investigação em Educação foi definido pela leitura das escritas de vida de professoras e pela convivência com outras mulheres-professoras-pesquisadoras, que despertaram seu interesse para a importância da escuta de suas vozes e de sua capacidade de agir em circunstâncias desfavoráveis, elementos que pretendemos destacar a seguir. Sua atitude, como pesquisadora, é de extrema coerência com sua trajetória de vida e formação. Ao nos contar sobre suas memórias e histórias, ela reafirma a força das vivências individuais, ao mesmo tempo que evidencia múltiplas referências femininas que se enredam e sustentam a construção de um novo modo de fazer e compreender a educação.

Para além do reconhecimento de seu percurso no campo da pesquisa, interessa-nos destacar como seus estudos possibilitam pensar a investigação em Educação de modo eticamente orientado e humanamente cuidadoso, reafirmando a centralidade da escuta, do acolhimento e da valorização das memórias docentes como práticas formativas e epistemológicas. É nesse horizonte que se inscreve a etapa atual de sua carreira, voltada ao necessário debate sobre a pesquisa como atitude ética e responsável. Inspirada na **ética do cuidado**, apoiada nos estudos de Carol Gilligan (2019, 2024) e de Joan Tronto (2009), Maria Passeggi nos ajuda a lembrar, com Gilligan, que as mulheres se situam de um ponto de vista ético com um olhar **diferente**, que acolhe, cuida, ampara, fortalece e apoia.

Ao transpor essa dimensão humana para o campo da pesquisa educacional, Maria Passeggi defende uma prática investigativa para além dos efeitos técnicos e dos resultados empíricos da investigação científica, instigando a responsabilização pelas transformações que se efetivam de forma humanizante nas pessoas que participam da pesquisa: “[...] a ética do cuidado se faz presente quando você pesquisa, seja *com* crianças, seja *com* adultos, compreendendo que seu trabalho é tão humanizante ou tão humanizador, que precisaríamos revisitar a ética, aprofundar uma epistemologia voltada para o humanismo em ciência” (Passeggi, 2025).

Ao trazermos para a discussão as contribuições de uma mulher-pesquisadora, reafirmamos a urgência de reconhecer, valorizar e difundir o trabalho de tantas outras mulheres que, como esta, transformam práticas e produzem conhecimentos indispensáveis para compreender os desafios colocados em pauta pela educação hoje.

Neste estudo, tomamos como objeto de análise narrativas de vida e de formação da Professora Maria Passeggi, produzidas no contexto de uma entrevista concedida às autoras deste artigo, a fim de destacar suas contribuições para a investigação em Educação de modo eticamente orientado e humanamente cuidadoso. Reconhecida como uma das principais referências da

pesquisa narrativa e autobiográfica, radicada atualmente na França, sua trajetória pessoal, formativa e profissional se entrelaça com a própria constituição de um campo de estudo e de formação no Brasil. Assumimos, assim, a mesma atitude epistemológica e política que inspira sua obra: apostar na reflexividade narrativa como dispositivo de (trans)formação e como escolha ética, humanizada e cuidadosa no campo da pesquisa em Educação.

## Percorso metodológico

As memórias que compõem este texto resultam, como já mencionado, de uma entrevista narrativa, realizada pelas autoras, no âmbito do grupo de pesquisa Histórias de vida, Narrativas e Subjetividades (HiNaS)<sup>3</sup>, do qual fazemos parte. O HiNaS se define como um coletivo majoritariamente feminino, que se reúne quinzenalmente, de forma virtual, para partilhar experiências de pesquisa, debater leituras e fortalecer laços acadêmicos e formativos em torno da pesquisa narrativa e dos estudos sobre Formação de Professores.

Como parte de suas atividades, o grupo organiza encontros com pesquisadoras e pesquisadores brasileiras/os que desempenharam papel relevante na criação e na consolidação da pesquisa narrativa (auto)biográfica, sobretudo nas investigações sobre formação docente<sup>4</sup>. O intuito é compreender mais de perto os caminhos que essas pessoas e suas pesquisas percorreram, suas interfaces e aproximações, bem como os riscos e os distanciamentos epistemológicos que enfrentaram. A escolha do nome de Maria Passeggi foi unânime, diante da densidade de sua obra e do amplo reconhecimento que possui na comunidade acadêmica.

O encontro com a pesquisadora ocorreu no segundo semestre de 2025, por videoconferência, tendo sido gravado em registro audiovisual, posteriormente transcrito e textualizado pela entrevistada. O roteiro, elaborado coletivamente pelo grupo, tinha como finalidade elencar tópicos possíveis de serem debatidos com a professora, que pudessem favorecer o diálogo com base em sua trajetória como pesquisadora. Para tanto, comunicamos à professora nossa intenção de conduzir uma entrevista de caráter informal. Indicamos, previamente, alguns tópicos disparadores da reflexão: i) Quando e como teve início sua trajetória como professora e pesquisadora? De que maneira a pesquisa narrativa atravessa a sua história?; ii) Quais as bases epistemológicas e autoras/autores com quem mais dialoga? Quais são suas principais referências teóricas?; iii) Como compreende o papel das mulheres na constituição das pesquisas sobre história de vida e narrativa (auto)biográfica?; iv) Qual a contribuição de pesquisadoras e pesquisadores da América Latina, em especial do Brasil, na constituição de um coletivo de vanguarda que se consolidou como referência internacional na produção de conhecimento com/sobre/da pesquisa narrativa (auto)biográfica?

Neste texto, trazemos excertos da entrevista realizada, com os quais dialogamos a partir de três dimensões que emergiram tanto na entrevista quanto em suas publicações, e que foram selecionadas para destaque nesta produção: a **autoria** como elemento formador e emancipatório, focalizada nos memoriais de formação; o respeito à **dignidade** de quem participa da pesquisa, que se consolida, notadamente, em suas pesquisas com crianças; e a ética do cuidado pela valorização da **vida**, que se depreende das pesquisas com crianças-narradoras-pacientes-agentes na interface entre educação e saúde. Maria Passeggi defende a autoria docente em contraposição a formações

---

<sup>3</sup> Sobre o HiNaS, ver: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/802230>. Acesso em: 14 out. 2025.

<sup>4</sup> Na perspectiva da formação docente, outros estudos vêm sendo produzidos e publicados. Ver Ferreira, Soares e Aguiar (2024).

tecnicistas, mediante o uso de narrativas da experiência vivida sobre a própria formação e a prática docente.

Suas pesquisas com narrativas de crianças focalizam como elas produzem sentido e (re)elaboram suas vivências, (trans)formando a si mesmas e quem as escuta. Ainda, a pesquisadora pontua a necessidade do diálogo entre as áreas da Educação e da Saúde em benefício do respeito à dignidade da criança e da formação continuada de profissionais que as acompanham. Essas dimensões nos revelaram uma perspectiva inédita da produção intelectual e da trajetória de vida de Maria Passeggi, permitindo-nos reconhecer como as marcas do feminino são fortemente indiciárias na constituição de sua identidade como professora e pesquisadora, ao mesmo tempo que revelam o modo como compreende a pesquisa em sua feitura e nas relações estabelecidas com redes de pesquisa no âmbito educacional. Tais elementos nos conduzem, ao final, a uma reflexão mais aprofundada sobre a ética do cuidado.

### **Por uma ética do cuidado: uma pesquisa sobre autoria, dignidade e vida**

Em sua obra, amplamente reconhecida, Maria Passeggi (2010, 2011, 2016, 2021, 2023) desenvolve a noção de escrita de si como prática formativa e emancipatória, admitindo que a narrativa se configura, simultaneamente, como método de pesquisa e processo de formação. A autora destaca a reflexividade narrativa como espaço-tempo de reelaboração do sentido sobre a experiência vivida, bem como o papel da escuta e da dialogicidade na constituição da identidade docente. É com base nesses referenciais que tecemos as compreensões que seguem.

Em cada dimensão analisada, apresentamos um excerto da narrativa em que a pesquisadora contextualiza sua aproximação com essas temáticas, revelando o momento em que percebe, em sua história de vida, algo que a convoca a refletir sobre seu próprio papel como educadora e investigadora. Em seguida, discutimos como esse movimento de pensamento e o desenvolvimento de sua trajetória contribuem para a área da Educação e para o campo da formação docente. Suas publicações são mobilizadas ao longo do texto como referências que orientam as interpretações e oferecem o fundamento teórico que sustenta o debate aqui estabelecido.

### ***Autoria na formação docente: os memoriais de formação***

Uma questão importante para a concepção dos memoriais de formação foi a publicação, em 1990, do livro de Magda Soares, “Metamemória”<sup>5</sup>, escrito para atender às exigências do concurso para professora titular da Universidade Federal de Minas Gerais. O livro foi escrito por uma mulher-professora-pesquisadora que contou a sua história na universidade. Era uma escrita feminina. E isso já era revolucionário (Passeggi, 2025).

Para explicar o início de seu trabalho com memoriais de formação, a professora falou sobre a criação dos Institutos Superiores de Educação, prevista na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) – Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Brasil, 1996) –, que integrou o movimento de reestruturação da formação docente no Brasil. A LDB estabeleceu o curso superior como exigência para a atuação no magistério. Essa medida buscava valorizar a profissão, mas também gerou tensões, especialmente entre professoras já em exercício, convocadas a cursar o Ensino Superior para legitimar sua prática. Diante desse cenário, havia uma incerteza, entre muitas outras: não estava claro que tipo de trabalho de final de curso deveria ser elaborado para a obtenção da licenciatura em Pedagogia, voltada para os primeiros anos do Ensino Fundamental.

---

<sup>5</sup> Magda Soares, escritora e linguista brasileira (1932-2023). Ver Soares (1990).

Para além do livro de Magda Soares, mencionado na epígrafe, a ideia dos memoriais de formação surgiu do entrecruzamento de mais duas referências, que confluem para a diversificação do memorial como gênero acadêmico memorialístico de grande tradição no Brasil desde os anos de 1930. A primeira remonta às experiências vividas pelo então secretário de Educação, Professor Doutor Marcos Guerra, que, durante seu exílio na França, acompanhou o Professor Henri Desroche<sup>6</sup> em missões a países da África.

A proposta, voltada para a formação de adultos, líderes e/ou administradores públicos, baseava-se na autobiografia reflexiva (*autobiographie raisonnée*). Desroche convidava esses profissionais a narrar suas próprias histórias de vida como modo de compreender suas trajetórias e responsabilidades para dar sequência a seus estudos. Essa perspectiva de narrativa reflexiva, com foco na formação da pessoa que narra e que é acompanhada por um professor, inspirou a concepção do memorial de formação, que parte da reflexão sobre a própria experiência.

A segunda referência decorre da contribuição do Professor Michel Brault, responsável, no âmbito do Acordo Brasil-França, pela parte pedagógica da criação do Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy (IFESP), no Rio Grande do Norte. Ele trazia a experiência do memorial profissional (*mémoire professionnelle*), praticado nos Institutos Universitários de Formação de Professores (IUFM), na França, articulando a dimensão subjetiva e o percurso de trabalho docente. A conjunção dessas três experiências – a autobiografia reflexiva, o memorial acadêmico e o memorial profissional – deu origem à proposta do memorial de formação como um dispositivo que integra a narrativa de si à reflexão sobre a experiência vivida, unindo saberes, afetos e ética no processo de formar-se professora ou professor. Contudo, a recepção do memorial como prática reflexiva não foi, inicialmente, muito boa.

Todo mundo falava muito mal do memorial por entender que não se tratava de um trabalho científico. Como aceitar na formação de professores um trabalho final que fala da própria vida dos professores? Fui então convidada para participar de bancas dos memoriais no IFESP. Foi então que li seis memoriais. E me dizia: “Vou ler para saber se realmente vale ou não a pena”. Quando comeci a leitura daqueles memoriais, me senti entrando no Brasil profundo. Ora, eu vinha de leituras, de diálogos, com autores franceses, espanhóis, canadenses, que eram nossos guias na formação docente. Percebi que não poderiam tratar em seus livros daquele Brasil contado pelas professoras que viviam cotidianamente em suas salas de aula a precariedade das escolas.

Elas tratavam, muitas vezes, de memórias intergeracionais: professoras que contavam histórias de suas professoras. Como a que lembrava de uma professora que mostrava para as crianças suas mãos rasgadas pelo trabalho com o sisal e dizia: “Vocês querem ser como eu? Não. Vocês têm que estudar. Porque isso aqui é trabalho para quem nunca estudou”. Essa e tantas, tantas outras histórias me mostraram que os memoriais de formação eram fonte de vida para a pesquisa educacional brasileira (Passeggi, 2025).

O excerto da narrativa de Maria Passeggi marca um ponto de inflexão em sua trajetória: o momento em que o encontro com os memoriais de formação a conduz ao reconhecimento da dimensão ética e política das histórias das professoras em exercício. Ela mudou o foco da pesquisa **sobre** as professoras para uma pesquisa **com** as professoras, compreendendo-as como pessoas que criam, interpretam e reelaboram sua própria historicidade. Esse gesto reafirma o que Josso (2004) denomina experiência formadora: a possibilidade de pensar-se no tempo, narrando o vivido como processo de aprendizagem e de formação. Assim, a atitude de Maria Passeggi diante das narrativas das professoras é, antes de tudo, uma atitude de respeito, de escuta, de acolhimento e de reconhecimento, que transforma o ato de pesquisar em um movimento de cuidado e de responsabilidade política e ética a ser compartilhada.

---

<sup>6</sup> Henri Desroche, sociólogo francês (1914-1994).

Em um contexto no qual a escrita narrativa era considerada **não científica**, sua decisão de acolher os memoriais de formação nos mostra uma tomada de posição epistemológica que abre espaço para uma compreensão mais sensível e relacional do ato de pesquisar. Como afirma a própria autora, a narrativa constitui uma forma de conhecimento que permite compreender a si mesmo e ao outro no ato de narrar a experiência vivida (Passeggi, 2011). Ela acolhe e se dedica, desde então, a estudar os memoriais de formação como prática de pesquisa-formação, trazendo contribuições significativas para a formação docente.

Ao tratar do memorial de formação como gênero discursivo, ela enfatiza sua natureza reflexiva e autobiográfica, pela qual reescrevemos nossa própria historicidade, “[...] marcada por incertezas e ambiguidades, em busca de sentido, que é em suma a busca de coerência no emaranhado em que vivemos, entre acontecimentos caóticos, contraditórios, sem sentido, informes, entre presente, passado e devir” (Passeggi, 2021, p. 8). A autora compreende que a reflexão autobiográfica se constitui como ferramenta crítica, capaz de favorecer a análise do percurso intelectual e profissional docente. Esse exercício de retorno sobre si permite o distanciamento necessário para reconhecer valores, saberes e crenças que foram construídos com as vivências e que passaram a incidir sobre decisões, gestos e atitudes.

Eu me perguntava: onde é que se fala disso na formação de professores? Ora, eu venho de uma tradição antiga, de uma formação tecnicista, em que a gente tinha que aprender a dizer e fazer o que o professor e o manual diziam. Não nos era dado o direito de refletir, tínhamos que fazer o que nos era dito. E aqueles memoriais levavam as professoras a uma reflexão sobre a sua experiência vivida que nos havia sido negada.

E todos aqueles memoriais traziam as mesmas reflexões finais, as professoras diziam: “Agora eu sou uma nova pessoa”; “Agora a minha vida mudou”; “Agora eu entendo o que é a sala de aula”. E eu me perguntava: mas que história é essa de um final feliz? Por que o memorial sempre termina com um final feliz? Seria a influência de uma estrutura narrativa canônica de contos de fada?

Quando foi que essas professoras, alguma vez na vida, tiveram ocasião, dentro de uma instituição, de falar de si? A perspectiva da linguagem como parte da construção da realidade me levava a associar pensamento, linguagem e práxis social. Então, o próprio fato de pensar sobre elas mesmas, autorizada pela instituição, permitia a essas professoras uma reflexão sobre seu fazer docente como uma práxis social, de se constituírem outras pelo discurso e de se sentirem autoras, pela primeira vez, de sua história. O que nos leva à seguinte indagação: o que é que faz a escola? A escola desautoriza. E o que é que exige a escola? A autoria. Então, há uma ambivalência muito grande em Educação. Se exige o que não se ensina como prática social (Passeggi, 2025).

Passeggi (2016) propõe uma leitura outra das elaborações docentes, esquivando-se das perspectivas tradicionais de formação e questionando os modelos que reduzem a professora a mera executora de técnicas. Para ela, não se separa da vida profissional seu caráter ético e político, que nos constitui humanos, capazes de reconhecer as marcas culturais que nos atravessam e, simultaneamente, de agir sobre elas para produzir transformações individuais e coletivas. Ao afirmar a potência reflexiva e emancipatória da narrativa, a pesquisadora reafirma a docência como prática autoral e de liberdade (Freire, 1999), um espaço em que o ato de refletir criticamente sobre si se torna também um gesto de resistência e reinvenção.

Maria Passeggi defende a autoria e a reflexividade docente em contraposição às formações tecnicistas que invadem as escolas por meio de políticas e programas impostos de fora, muitas vezes propostos por instituições empresariais ou parcerias público-privadas que desconsideram os saberes adquiridos na prática pelas professoras. Em contraste com essas lógicas que deslegitimam o saber docente, as pesquisas (auto)biográficas com narrativas das experiências legitimam os processos reflexivos que se realizam na e sobre a própria vida, promovendo a produção de conhecimento com/na formação docente. Trata-se de um movimento de pesquisa e formação centrado nas pessoas, em suas histórias individuais e coletivas, que afirma o poder formativo das

memórias e das narrativas de vida como caminhos de emancipação e fortalecimento da profissão docente.

### ***A pesquisa com crianças: escuta e reconhecimento da dignidade***

Quando estive em Nantes, em 2010, por ocasião de um colóquio organizado por Martine Lani-Bayle<sup>7</sup>, fui tocada por uma pergunta que tematizava a discussão: “As histórias das crianças são dignas de interesse para a pesquisa?”. Estimulada pelo desafio, passei a rever minhas hesitações com relação à pesquisa com crianças. Então, ousei propor ao CNPq, com minhas orientandas e colegas de pesquisa no Brasil, na Colômbia e na França, o meu primeiro projeto com narrativa de criança, que se iniciou em 2012. De fato, tentava, com esse projeto, responder a uma demanda insistente de algumas orientandas professoras de classes hospitalares. O grande problema é que não tínhamos nenhuma referência epistemológica. Então, a hipótese inicial da pesquisa era a seguinte: se as narrativas de professores são importantes para a constituição de sua subjetividade e da reflexividade no adulto, será que haveria, para as crianças, o mesmo efeito cognitivo, emocional, praxeológico ao contarem suas histórias? Essa era a minha perspectiva inicial (Passeggi, 2025).

Maria Passeggi chegou às narrativas de crianças a partir de seu percurso com a formação docente, quando percebeu a profunda conexão entre as vozes silenciadas de professoras e as das crianças, igualmente não autorizadas a ocupar espaços de fala nos contextos educativos. O questionamento do colóquio de Nantes – “As histórias das crianças são dignas de interesse para a pesquisa?” – a interpelou de tal modo que ela passou a se perguntar sobre o estatuto da palavra “infantil” na produção do conhecimento. A partir dessa inquietação, ela propôs um novo exercício: se a narrativa é formativa e transformadora para a professora, também poderia sê-lo para a criança. Em 2012, iniciou, então, suas primeiras investigações com narrativas infantis. Nesse percurso, o diálogo com a Professora Martine Lani-Bayle contribuiu para o aprofundamento de questões éticas relacionadas à metodologia da pesquisa com crianças.

Em sua trajetória profissional, a escuta assumiu papel central como ferramenta de trabalho e como postura ético-política. Seja com professoras, seja com crianças, criar espaços de escuta por meio das narrativas revelou sua coerência em enfrentar os silenciamentos impostos por uma sociedade patriarcal e adultocêntrica, que historicamente desautoriza essas vozes. Ao propor a pesquisa **com** – e não **sobre** – as crianças, Maria Passeggi inscreveu a ética do cuidado no cerne da pesquisa narrativa, reafirmando o valor da palavra como experiência formativa e humanizadora. Nessa direção, ela se fundamentou nos estudos de Christine Delory-Momberger (2008), compreendendo que as crianças também se constituem narrativamente no tempo e produzem saberes sobre si e o mundo. Escutar suas histórias é reconhecê-las como sujeitos de conhecimento e de criação de sentido.

A criança ingressa na cultura, primordialmente, pelas histórias que lhe são contadas, ou seja, pelo processo de heterobiografização, quando se representada, mentalmente, nas histórias que lhes são contadas. Mas, se representa também ao contar a sua própria história, autobiografização, e ao contar a história de alguém, biografização. Nesse sentido, as operações de auto, hétero, biografização não seriam apenas modos de representação do mundo, mas de construção da realidade e da própria subjetividade (Passeggi; Nascimento; Rodrigues, 2018, p. 159).

Em suas investigações, Maria Passeggi tem denunciado o silenciamento histórico das crianças nos espaços educativos, apontando que, por muito tempo, elas foram consideradas apenas ouvintes, sem direito à palavra enunciada. A autora destaca que, embora a Convenção Internacional

---

<sup>7</sup> Martine Lani-Bayle, psicóloga e pesquisadora francesa, professora emérita de Educação na Universidade de Nantes.

dos Direitos da Criança, de 1989, promulgada no Brasil pelo Decreto nº 99.710, de 21 de novembro de 1990 (Brasil, 1990), tenha reconhecido as crianças como sujeitos de direitos e afirmado a necessidade de que sejam ouvidas nas questões que lhes dizem respeito, a efetivação desse princípio ainda enfrenta resistências em diferentes campos, inclusive na Educação e na Saúde. A pesquisadora identifica, nesse contexto, as marcas de uma sociedade adultista, na qual o adulto ocupa a posição de quem sabe, decide e define o que é bom, submetendo a criança a uma forma de colonização simbólica. Ela defende, assim, que é preciso reconhecer que a fala da criança é potente e necessária à educação, reposicionando-a como produtora de sentidos e participante ativa dos processos formativos.

Com base em uma década de pesquisas, desenvolvidas entre 2012 e 2022, Maria Passeggi vem construindo uma trajetória de estudos epistemológicos e teórico-metodológicos que permitem compreender e afirmar o lugar da criança como pessoa de linguagem e de experiência. Para ela:

Há esse vazio epistemológico, ainda hoje. Tanto aqui quanto na França, no Canadá, mesmo na Suíça, por onde tenho andado, me tornei uma das poucas referências que trouxe essa preocupação para a pesquisa (auto)biográfica, considerando a criança na perspectiva da agencialidade, ou seja, de sua capacidade de agir, como um ser narrador e como agente social. Então, são essas as perspectivas que se abrem hoje no campo das histórias de vida e da pesquisa com narrativas de si (Passeggi, 2025).

Em coerência com sua defesa da escuta como gesto formativo e ético, Maria Passeggi propõe um movimento fundamental: reconhecer as crianças como autoras, e não apenas como pessoas sobre as quais se fala. Amparada na noção de reflexividade autobiográfica, ela compreende que, ao narrar o que sentem e vivem, as crianças exercem sua autoria narrativa, reelaborando as experiências e produzindo novos sentidos sobre o mundo. Nesse sentido, da compreensão das crianças como narradoras e agentes sociais, ao realizar suas pesquisas, Maria Passeggi vai se dando conta de fissuras em seu próprio processo investigativo com esses seres sociais. Segundo ela, algumas “[...] questões que vão sendo levantadas pela pesquisa é o que pode nos permitir mudar a própria pesquisa. Então, foram as narrativas das crianças que me levaram a pensar a perspectiva da ética” (Passeggi, 2025).

E o que foi que eu percebi ao longo de todos esses anos de pesquisa? Eu percebi o meu erro. O que eu dizia? A pergunta orientadora dos projetos de pesquisa era a seguinte: as narrativas das crianças são dignas de interesse para a pesquisa educacional, para a formação de professores (que era a minha área) e para as políticas públicas? O que é que faltava aí? Faltava o mais importante: a criança! Daí a necessidade de reformulá-la: a pesquisa com crianças é digna de interesse para a própria criança? Porque, quando a gente fala da pesquisa com professores, o primeiro grande benefício ético é que, ao escrever sua história de vida, o professor se reinventa. Então, em função do meu próprio erro, comecei a rever a questão da ética na pesquisa com crianças (Passeggi, 2025).

Nesse relato, a pesquisadora destaca uma virada decisiva em sua compreensão sobre o trabalho com crianças. Inicialmente, suas pesquisas já se mostram essenciais no debate acadêmico por trazerem as narrativas de crianças como material de interesse para a pesquisa educacional e para a formação de professores: vozes que precisam ser ouvidas a fim de ensinar algo ao adulto, à professora, à pesquisadora, à família. A criança é também fonte de experiências a partir das quais o outro aprende, reafirmando, assim, sua capacidade de conhecer, refletir e criar. No entanto, ao reconhecer não ter incluído a própria criança como beneficiária direta desse processo, Maria Passeggi alterou o foco epistemológico e ético da investigação.

Esse momento fez emergir uma perspectiva biográfica ampliada, em que a vida é trazida para o centro do próprio processo de formação, não apenas a da pesquisadora ou da professora, mas também a vida das próprias crianças. Assim, suas narrativas deixam de ser instrumentos de

mediação e passam a ser compreendidas como estratégias de formação de si, práticas pelas quais as crianças produzem sentido, elaboram suas vivências e participam ativamente de seu processo de constituição subjetiva. Nesse gesto, Maria Passeggi reafirmou a dimensão ética e emancipadora da narrativa: trata-se de reconhecer que, quando as crianças narram, elas também se formam, transformando a si mesmas e o mundo que as escuta.

A pesquisa com narrativas de vida serve, prioritariamente, para a vida de quem narra e a de quem pesquisa, pelas aprendizagens (identitárias, existenciais, profissionais, entre tantas outras), construídas conjuntamente. Se ela serve para suas vidas, ela serve para a produção de conhecimentos científicos, enraizados em vidas humanas, suscetíveis de produzirem respostas mais próximas de suas necessidades. Finalmente, ela serve para as questões sociais que justificam a pesquisa. Qualquer inversão nessa ordem põe em risco os benefícios desse princípio ético a não ser negligenciado (Passeggi, 2023, p. 203).

O argumento de Passeggi (2023) sintetiza o princípio ético que se faz presente em toda a sua obra: a pesquisa narrativa é, antes de tudo, um exercício de vida. Isso significa que o conhecimento se constrói a partir das experiências humanas e na relação com elas. Ela introduz uma hierarquia ética fundamental: a pesquisa só se legitima como produção científica se mantiver seu compromisso com a vida e com as necessidades concretas das pessoas e comunidades envolvidas. Inverter essa ordem, colocando a obtenção de resultados ou a validação acadêmica acima da dimensão humana, significa trair a natureza mesma da pesquisa narrativa. Ao enraizar o conhecimento nas experiências vividas, Maria Passeggi propõe uma ciência compromissada com o humano, na qual a escuta, o cuidado e a responsabilidade se configuram não apenas como procedimentos metodológicos, mas como fundamentos ontológicos do ato de pesquisar.

A pesquisadora evidencia que sua atuação no campo da pesquisa com crianças representa também um movimento de reconstrução de sentidos sobre a infância e sobre o papel da criança na produção do conhecimento. Ao reconhecê-las como pessoas que pensam, criam e se expressam, a autora reposiciona a infância como tempo de elaboração, e não de mera preparação para a vida adulta. Esse posicionamento é, sobretudo, uma questão de dignidade, entendida não apenas como o direito de ser escutada, mas como o reconhecimento da criança em sua condição ativa, criadora e participante do mundo.

### ***A vida nas classes hospitalares: as temporalidades da pesquisa e do narrar***

É extremamente difícil, eu não posso ir para um hospital, eu não posso entrar num hospital, mas as professoras das classes hospitalares, as nutricionistas, psicólogos e enfermeiros estão no hospital. E são elas que eu tenho que ajudar na compreensão do que é a criança. Porque a formação do enfermeiro é biomédica. Ela está voltada para a doença. O processo de evolução da doença, regressão da doença, reabilitação. E as professoras, por sua vez, e isso foi chamado a atenção, porque uma professora disse: “Professora, quando eu entrei pela primeira vez numa classe hospitalar, eu me perguntei: o que é que eu estou fazendo aqui? Se essas crianças vão morrer amanhã, ninguém sabe nem quanto tempo essas crianças vão viver”. Então, a escola está voltada para o futuro. Enquanto as classes hospitalares, enquanto a enfermeira está voltada para a doença, a escola para o futuro. Desfazer isso com nutricionistas, com enfermeiros e com professores não é fácil (Passeggi, 2025).

Em suas pesquisas mais recentes, Maria Passeggi tem se dedicado a investigar a relação entre narrativa e saúde, encontrando nas classes hospitalares um espaço privilegiado para compreender as dimensões mais profundas da experiência humana. Nessa etapa de sua trajetória, a pesquisadora muda o olhar da doença para a vida, e da linearidade cronológica da escola para a temporalidade existencial da infância. Ao trabalhar com professoras, enfermeiras, nutricionistas e

psicólogas, ela propõe uma reflexão que ultrapassa as fronteiras disciplinares, desafiando concepções biomédicas e escolares tradicionalmente centradas na cura ou no futuro.

Maria Passeggi chama atenção para a necessidade de reconhecer o tempo presente como o verdadeiro território da educação. A escola e a classe hospitalar, de modo particular, devem se voltar para o **hoje alargado**, aquele em que a criança vive, sente, aprende e cria sentido, mesmo diante da incerteza do amanhã. Ao afirmar que “a escola é para hoje”, a autora repensa a própria noção de formação, vinculando-a à experiência vivida e ao cuidado com o instante. Nessa perspectiva, o aprendizado não se orienta por promessas de futuro, mas, sim, pela potência do encontro que acontece no presente: o tempo da escuta, da partilha e da vida que insiste, mesmo em contextos de vulnerabilidade.

As classes hospitalares podem tomar diversas formas em diferentes hospitais; contudo, de modo geral, o hospital é um lugar em que a prioridade não é a educação, pois os profissionais que lá atuam estão voltados à doença, e as professoras atuam “[...] num lugar destinado aos profissionais da saúde, elas adentram por descaminhos” (Passeggi; Rocha, 2018, p. 174). Também para a criança o hospital é um espaço de sentimentos ambivalentes: “[...] o hospital é um lugar de dores físicas, de procedimentos dolorosos, de grandes rupturas, mas também de cura, de cuidados, de lazer” (Passeggi; Rocha, 2012, p. 55).

A partir das narrativas de crianças hospitalizadas, Maria Passeggi afirma o poder da autoria infantil e da capacidade de agir mesmo em situações extremas. Suas pesquisas mostram que, no hospital, as crianças tecem redes de apoio e solidariedade, elaboram suas dores, acolhem umas às outras e constroem significados para o que vivem. Trata-se de um cuidado que não tutela nem consola, mas que reconhece a vulnerabilidade como traço essencial da condição humana.

E, para os professores das classes hospitalares, para os enfermeiros, é justamente parar para escutar essa criança, sem esquecer que os professores e enfermeiros vivem em grandes situações de vulnerabilidade, porque o enfermeiro está entre o pai da criança, a criança, o médico e, às vezes, a enfermeira-chefe. Os auxiliares de enfermagem vivem em situações de extrema vulnerabilidade, como vivem os professores, sem ter o apoio devido para exercer bem a sua profissão (Passeggi, 2025).

Ao reconhecer que também professoras e profissionais da saúde vivem em condições limítrofes, a pesquisadora amplia a noção de cuidado para além da criança hospitalizada, incluindo nela os adultos. Assim, ela evidencia que o trabalho educativo e o trabalho de cuidar são marcados por uma mesma necessidade: a de reconhecimento e amparo mútuo. Nesse sentido, a ética do cuidado que propõe compreende o acolhimento do outro e, sobretudo, o cuidado como prática coletiva, relacional e humanizadora, capaz de restaurar, mesmo em meio à dor e à incerteza, a potência da vida compartilhada.

Em suas reflexões, a esperança e a relação com o tempo presente se fundam em algo além da negação da dor ou da expectativa de cura: na possibilidade de aprender a conviver com o adoecimento de forma digna e humana. No percurso de suas pesquisas, Maria Passeggi vai desenhando caminhos de diálogo entre as áreas da Educação e da Saúde, insistindo na necessidade de articulação entre seus profissionais e saberes em nome da dignidade das crianças em situação de exclusão social provocada pela doença, uma vez que é preciso (con)viver com o adoecimento (Passeggi; Rocha; Conti, 2016). Tal aliança interprofissional, sustentada por uma ética do cuidado e pela centralidade da narrativa, permite reconhecer que viver e educar no hospital não é apenas resistir à finitude, mas afirmar a potência do presente como tempo do encontro, da escuta e da humanização.

Nessa direção, Passeggi e Rocha (2012, p. 36) asseveram que “[...] escutar as crianças sobre suas próprias experiências e legitimar suas narrativas como fonte de pesquisa representa no campo científico uma dupla ruptura: quanto aos conceitos tradicionais de criança e de infância e quanto à validade dessas fontes”. Reafirmam, assim, a posição da criança como sujeito de direito, capaz de refletir sobre o que lhe acontece, de transformar-se no processo narrativo e, especialmente, de ensinar sobre os (d)efeitos das práticas pedagógicas e culturais a que é exposta.

Em nossas pesquisas, observa-se que a criança cria redes de apoio no hospital. Por exemplo, quando uma criancinha manifesta o desejo de ajudar uma outra que chega ao hospital para tratamento: “Eu vou ajudar, porque ela não sabe o que é uma injeção. Injeção dói, mas eu não sinto mais essa dor. Eu vou ajudar para ela entender. Ela vai se acostumar com a dor da injeção”. Então, elas vão criando essas redes de apoio. E o que não se acredita que uma criança é capaz de fazer, você vê no hospital e compreende ao escutar a grande perspicácia da criança em sua capacidade de agir numa situação de extrema vulnerabilidade. Porque ela já viu quem estava ao lado morrer. “Mas, eu não vou morrer. Eu vou para a escola, minha mãe vai me matricular na outra escola” (Passeggi, 2025).

O olhar atento às relações que se estabelecem em seu lócus de pesquisa nos leva a compreender que a pesquisadora se coloca sempre em um lugar de aprendente, no sentido colocado por Freire (1996), de que a pessoa aprende para se humanizar. Maria Passeggi legitima os saberes dessas crianças ao reconhecer que eles ampliam a nossa visão de mundo e que as ouvir reduz as distâncias entre nossas vivências.

Ao inscrever as narrativas hospitalares no campo da educação, a pesquisadora reafirma que o ato de narrar é também um ato de esperar. Em um mundo marcado pela desesperança e pela fragmentação, suas reflexões convidam a construir comunidades de apoio e aprendizagem nas quais educadores, profissionais da saúde e crianças possam compartilhar histórias e reinventar modos de viver juntos. Nessa confluência entre vida, pesquisa e cuidado, a autora devolve à educação o seu sentido mais radical: o de sustentar a humanidade no tempo presente e de cultivar, no gesto narrativo, a esperança como forma de resistência e de vida.

## Considerações finais

As reflexões reunidas neste artigo procuraram evidenciar a amplitude e a profundidade das contribuições de Maria Passeggi para o campo da pesquisa narrativa em Educação. Ao longo do texto, revisitamos aspectos de sua trajetória formativa e de seu pensamento, destacando como sua obra tem sido decisiva para a consolidação dessa perspectiva investigativa. Entre os muitos aspectos de sua produção, ressaltamos especialmente sua compreensão da narrativa como prática ética, estética e política, capaz de transformar tanto quem narra quanto quem escuta. Suas formulações, que atravessam a formação docente, a pesquisa com crianças e o trabalho com a memória, reafirmam o princípio de que toda produção de conhecimento deve permanecer enraizada na vida e voltada para a humanização.

Maria Passeggi integra o grupo de pesquisadoras e pesquisadores que inauguraram, há mais de três décadas, a pesquisa narrativa em Educação, movimento que alterou o lugar da experiência, da voz e da autoria no campo. Sua relevância, contudo, extrapola o pioneirismo teórico-metodológico: manifesta-se também em sua postura ética e na forma como pensa as relações humanas que marcam o ato de pesquisar e de formar. Ao narrar sua trajetória, a autora sempre reconhece as mulheres – professoras, colegas, orientandas, autoras que a inspiraram –, reafirmando que o conhecimento se constrói coletivamente e que o ato de educar é, antes de tudo, um gesto de partilha e de responsabilidade com o outro. Sua obra, profundamente comprometida com a escuta

e com a valorização das histórias de vida, contrapõe-se às lógicas tecnicistas e colonizadoras que reduzem a educação a procedimentos, recuperando o sentido ético e político da formação humana.

Como mestra, Maria Passeggi nos lega uma herança intelectual e afetiva marcada pela ética do cuidado, inspirada nas formulações de Carol Gilligan (2024) sobre **uma voz humana**, que ela reelabora em suas pesquisas recentes nas áreas da Educação e da Saúde. Nessa perspectiva, o cuidado não se confunde com benevolência ou tutela: trata-se de um compromisso com a capacidade de agir de cada pessoa, especialmente em contextos de vulnerabilidade. Ao compreender o cuidado como princípio emancipatório e comunitário, Maria Passeggi reafirma a potência das narrativas como formas de resistência e esperança, espaços onde se tecem vínculos, se elaboram sentidos e se reinventam possibilidades de vida. Assim, a ética do cuidado, que permeia sua trajetória e seu pensamento, constitui o legado mais precioso de sua obra: um convite à escuta sensível, à responsabilidade compartilhada e à construção de comunidades solidárias, capazes de esperar, como dizia Paulo Freire (1999), e de sustentar uma educação mais humana, justa e transformadora.

Ainda, para o campo das pesquisas (auto)biográficas, biográficas e narrativas, movimento construído a tantas mãos em nosso país<sup>8</sup>, Maria Passeggi inscreve marcas profundas ao valorizar a narratividade de vidas e a implicação da pesquisadora na proposta de uma epistemologia que toma como imperativo ético a palavra do outro. Nessa perspectiva, a pesquisadora ensina a deslocar a centralidade do olhar sobre a história e a colocar a reflexão a serviço da história do outro. O deslocamento genuíno de **pesquisar sobre** para **pesquisar com**, realizado por Maria Passeggi em suas pesquisas, é tão caro quanto difícil nos espaços acadêmico-científicos e na vida contemporânea.

## Referências

BRASIL. **Decreto nº 99.710, de 21 de novembro de 1990**. Promulga a Convenção sobre os Direitos da Criança. Brasília: Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos, [1990]. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/1990-1994/d99710.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1990-1994/d99710.htm). Acesso em: 30 maio 2026.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, n. 248, p. 27833-27841, 23 dez. 1996.

DELORY-MOMBERGER, C. **Biografia e educação**: figuras do indivíduo-projeto. Tradução: Maria da Conceição Passeggi, João Gomes da Silva Neto, Luiz Passeggi. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

DOMINICÉ, P. **L'Histoire de vie comme processus de formation**. Paris: L'Harmattan, 2000.

FERREIRA, L. H.; SOARES, N. de P.; AGUIAR, T. B. de. Relações, métodos, palavras: a pesquisa narrativa (auto)biográfica por Maria Helena Abrahão. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 24, n. 80, p. 170-184, jan./mar. 2024. DOI: <https://doi.org/10.7213/1981-416X.24.080.DS11>

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

---

<sup>8</sup> Sobre aspectos históricos e teórico-metodológicos desse campo de pesquisa, ver Soares (2024).

GILLIGAN, C. **Une voix différente**. La morale a-t-elle un sexe?. Tradução: Annick Kwiatek. Paris: Flammarion, 2019.

GILLIGAN, C. **Une voix humaine**. L'éthique du care revisitée. Tradução: Cécile Roche. Paris: Flammarion, 2024.

JOSSO, M. C. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

PASSEGGI, M. C. Memorial de formação. *In*: OLIVEIRA, D. A.; DUARTE, A. M. C.; VIEIRA, L. M. F. **Dicionário**: trabalho, profissão e condição docente. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. Disponível em: <https://gestrado.net.br/memorial-de-formacao/>. Acesso em: 14 out. 2025.

PASSEGGI, M. C. A experiência em formação. **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 147-156, maio/ago. 2011. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/faced/article/view/8697>. Acesso em: 14 out. 2025.

PASSEGGI, M. C. Narrativas da experiência na pesquisa-formação: do sujeito epistêmico ao sujeito biográfico. **Roteiro**, Joaçaba, v. 41, n. 1, p. 67-86, jan./abr. 2016. DOI: <https://doi.org/10.18593/r.v41i1.9267>

PASSEGGI, M. C. Memoriais: “cantos de experiência” vivida e em devir. **Regae – Revista de Gestão e Avaliação Educacional**, Santa Maria, v. 10, n. esp., p. 1-10, 2021. DOI: <https://doi.org/10.5902/2318133868281>

PASSEGGI, M. C. A ética na pesquisa com narrativas de vida em educação. *In*: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO (ed.). **Ética em pesquisa em educação**: subsídios. Volume 3. Rio de Janeiro: ANPEd, 2023. p. 199-211. Disponível em: [https://anped.org.br/wp-content/uploads/2024/05/3Etica-e-Pesquisa-em-Educao\\_Volume-3\\_2023-1.pdf](https://anped.org.br/wp-content/uploads/2024/05/3Etica-e-Pesquisa-em-Educao_Volume-3_2023-1.pdf). Acesso em: 14 out. 2025.

PASSEGGI, M. C. **Entrevista narrativa concedida ao grupo de pesquisa Histórias de vida, Narrativas e Subjetividades**. Itatiba: Universidade São Francisco, 2025.

PASSEGGI, M. C.; NASCIMENTO, G.; RODRIGUES, S. Narrativas de crianças sobre a escola: desafios das análises. **Revista Lusófona de Educação**, Lisboa, v. 40, p. 155-169, 2018. DOI: <https://doi.org/10.24140/issn.1645-7250.rle40.06>

PASSEGGI, M.; ROCHA, S. A pesquisa educacional com crianças: um estudo a partir de suas narrativas sobre o acolhimento em ambiente hospitalar. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 44, n. 30, p. 36-61, set./dez. 2012. DOI: <https://doi.org/10.21680/1981-1802.2012v44n30ID4080>

PASSEGGI, M. C.; ROCHA, S. Narrativas de experiências docentes em classe hospitalar: ensinar aprendendo. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 24, e18969, p. 167-185, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.26512/lc.v24i0.18969>

PASSEGGI, M. C.; ROCHA, S.; CONTI, L. (Con)viver com o adoecimento: narrativas de crianças com doenças crônicas. **Revista da FAEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 25, n. 46, p. 45-57, maio/ago. 2016. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/faeaba/v25n46/0104-7043-faeaba-25-46-00045.pdf>. Acesso em: 14 out. 2025.

PINEAU, G. Emergência de um paradigma antropoformador de pesquisa-ação-formação transdisciplinar. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 102-110, set./dez. 2005. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902005000300006>

SOARES, M. **Metamemória-memórias**: travessia de uma educadora. São Paulo: Cortez, 1990.

SOARES, N. de P. **As pesquisas (auto)biográficas e a investigação narrativa na formação de professores**: um mapa das pesquisas realizadas no Brasil. 2024. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2024.

TRONTO, J. C. **Un monde vulnérable**: pour une politique du care. Paris: La Découverte, 2009.

*Recebido em 15/03/2026*

*Versão corrigida recebida em 18/05/2026*

*Aceito em 19/05/2026*

*Publicado online em 05/06/2026*